

“Ame a Vida Por Mim”

O último presente de um filho agonizante

DORIS HEROLD LUND

PENSEI que a própria alegria tinha se extinguido com a morte de Eric. Ele dera tanto a todos nós — sua família e seus amigos. E, no entanto, com a sua morte, a alegria não chegou ao fim. Foi, de certa forma, um recomeço...

Eric tinha 22 anos quando perdeu sua batalha, que já durava quatro anos e meio, contra a leucemia. Embora nos tenha deixado com profundo pesar, deixou-nos, também, com muita coisa para relembrar. Nisto, há uma vitória

que ainda estou tentando compreender. Por que me sinto mais forte, apesar da perda? Por que a vida me parece mais extraordinariamente preciosa?

Estes são os presentes de Eric para mim. Não foram adquiridos facilmente, nem aceitos com rapidez, e tampouco vieram disfarçados como uma dádiva. Além da leucemia, Eric «sofria» de adolescência — e houve ocasiões em que pensei ser esta a sua principal doença. Um rapaz de 17 anos que talvez não viva o suficiente para se tornar um homem,



vê-se, de súbito, muito apressado. Deseja independência imediata e sem compromissos. Depois das primeiras semanas, Eric rapidamente se apercebeu da sua doença. Eu já não conseguia mais falar com os médicos. Na verdade, não conseguia sequer falar sobre qualquer assunto, a menos que evitasse parecer uma mãe preocupada.

Nenhum de nós teve oportunidade de ensaiar para o novo papel. A leucemia de Eric fora diagnosticada apenas dois dias antes de ele entrar para a universidade. Com as malas prontas, cheio de planos e de entusiasmo, ele foi obrigado a ver todos os seus amigos, repentinamente, deixarem-no para trás, muito doente.

Eric sempre fora um ótimo atleta. Agora, apanhado pelo destino, sucumbira. Mas levantou-se, e tentou retomar a corrida. Estava decidido a ir para a faculdade, estudar muito, alcançar o seu objetivo, fazer parte do time de futebol. A estes objetivos, ele simplesmente acrescentou mais um: permanecer vivo.

Começou a ler, a trabalhar e a crescer. Sem falar, sem apelar emocionalmente, exigiu que eu também crescesse. Se sua coragem foi a de prosseguir pelo caminho traçado, a minha foi a de tentar segui-lo.

A melhor coisa que eu poderia fazer era ouvir. Aprendi a ocultar minha preocupação, meu sentimentalismo, e percebi que ele estava reconfortado pela minha tranquilidade. Não havia meio de controlá-lo. Ele tinha que se libertar

para ser um homem. Eu também o desejava e, se não houvesse outra alternativa, eu o ajudaria finalmente a morrer como um homem.

Sempre que Eric saía do hospital, depois das transfusões, descia os degraus voando, girando uma mochila, como se acabasse de voltar de um agradável fim-de-semana. Eu lhe dava as chaves do carro e me afastava. Ele levava sua vida como se nada tivesse acontecido.

No entanto, havia sempre os remédios para a leucemia, os ataques de náuseas. Lembro-me de uma vez em que subia para levar-lhe uma xícara de chá. Ele passou por mim, descendo a escada, vestindo seu calção de banho e carregando um arpão de pesca. Não tomando conhecimento do chá, disse: «Talvez eu lhe traga um peixe para o jantar.» Apesar da falta de ar e, ocasionalmente, da fraqueza, ele jogava futebol e basquete. Isto sempre foi mais do que um passatempo para ele. Sua vida era dinâmica. «Exercícios, Decisões, Aspirações» eram as palavras escritas em seu quadro-negro. Estas três palavras o conduziam.

«A gente não morre de leucemia, você sabe», me dizia ele. «Algo acontece em outro local—no coração ou nos rins. Estou pronto para quando chegar a minha vez. Eu vencerei.»

Ele não estava iludido, no entanto, a respeito da gravidade de seu mal. Passou várias semanas no oitavo andar do Pavilhão Ewing, no Memorial Hospital de Nova York, e viu pacientes se tornarem

esqueléticos e perderem o cabelo devido ao efeito do medicamento. A doença tinha, naturalmente, as suas remissões. «Remissão», palavra sedutora! Esperança, mesmo com seus dias contados.

Certa vez, Eric teve uma remissão de onze meses, com o uso de metotrexate. Lembro-me de tê-lo observado naquele verão, enquanto corria pela praia com os amigos. Todos bronzeados, entusiasmados, felizes, com seus ombros vigorosos e as mesmas pernas fortes e trigueiras. O que haveria de diferente nos ossos de uns e de outros? Fiquei mais calma, quase certa de que, no fim, ele se salvaria.

No dia seguinte, o Memorial Hospital telefonou. Os exames mostravam que a remissão de Eric estava terminando. Com o mesmo desvelo com que eu cuidava dele, as células mortíferas brotavam em sua medula óssea, como os dentes de um dragão. Mais e mais—sempre mais do que as que deviam morrer.

Eric suportou e sobreviveu a diversas crises. Aprendeu a viver à beira do abismo sem olhar para baixo. Sempre que possível, os compreensivos médicos do Memorial Hospital lhe concediam licenças para minorar os sofrimentos. Ele mergulhou no turbilhão da vida citadina — multidões, vitrinas, liquidações de discos, restaurantes no bairro chinês, concertos ao ar livre, inferninhos.

Além de se distrair, ele gostava de agir, tentando recuperar suas forças nestes curtos períodos. Certa

vez, uma funcionária do Memorial Hospital, assustada, chamou o médico. «Marquei um encontro com Eric. Que farei se ele quiser correr?» «Sente-se e espere», retrucou o médico. Não há vida sem riscos, e Eric os aceitava. (Este foi um dos presentes especiais de Eric para mim. Coragem! Encare a vida, com todos os perigos.)

A doença progredia. Para evitar as infecções, ele foi colocado num quarto com ar purificado, sem janelas e com tudo esterilizado. Subitamente, sobrevieram graves hemorragias. Seis dias de inconsciência. Estava certa de que era o fim. Mas seus amigos vieram, literalmente, em massa, a fim de doar sangue para meu filho.

Eu observava os médicos procurando veias, detendo as hemorragias, sacudindo-o para que saísse do torpor. Basta! pensei. Deixem-no morrer em paz! Ele tinha demonstrado ser forte. Tivera dois bons anos de faculdade. Fizera parte do time de futebol e do quadro-de-honra. Por favor, deixem-no partir!

Mas, eu ainda tinha muito que aprender, a respeito da energia e dos recursos de meu filho. Eric teve que permanecer no quarto com ar purificado durante quase quatro meses. E, poucas semanas depois de sua alta, já corria mais de vinte quilômetros por dia. Naquela primavera, foi nomeado capitão do time de futebol, e recebeu o prêmio de melhor jogador-revelação, tendo sido designado para a lista dos melhores da faculdade.

Gosto mais ainda de recordar as coisas que não podem ser medidas. Seu humor irreverente. A amizade sincera e a consideração que dispensava aos amigos, particularmente aos colegas de lutas do oitavo andar. Para eles, Eric era um brilhante sobrevivente de épicas batalhas e, como esperavam, o grande chefe que conduziria a todos para a vitória.

Uma das proezas de Eric tornou-se clássica. Dez médicos importantes faziam plantão, juntos, todas as semanas. Numa segunda-feira, quando pararam perto da cama de seu animadíssimo paciente, encontraram Eric com um aspecto anormalmente desanimador. «Como se sente, Eric?», perguntou um dos médicos.

«Miserável», foi a resposta dele, murmurada quase entre dentes.

Só então os médicos perceberam um pequeno peixe dourado, nadando no frasco de soro intravenoso de Eric. O tubo de plástico, que passava por debaixo dos lençóis, naturalmente, não estava ligado, mas parecia que estava. Os médicos não resistiram. Toda a enfermaria caiu na gargalhada. Por um momento, o humor fez esquecer a morte.

Aquele oitavo andar era um péssimo lugar para fazer amigos. Para Eric, porém, não havia meios de se isolar. Esforçava-se ao máximo, enquanto o jogo podia ser ganho. Mas estava começando a pensar no inimaginável.

Já no fim, Eric aceitou a idéia de sua morte. Esta aceitação foi

seu último presente, e o mais precioso para mim; tornou possível minha própria aceitação. Não havia amargura. Disse-me, simplesmente: «Chega o momento em que a gente tem de admitir — *Bem, está na hora. Já vivemos demais.*»

Lembro-me de uma tarde, alguns dias antes de sua morte. Ele falou de todas as coisas boas: do que sentia a respeito de suas irmãs, dos momentos maravilhosos que passou com o irmão. De repente, fechou os olhos, e disse: «Correr! Isso foi tão bom... correr pela praia, quilômetros e quilômetros.» Sorriu com os olhos fechados. Estava relembrando, vivendo, sentindo tudo novamente, enquanto ainda havia tempo, enquanto ainda sentia o último sopro de vida.

Conversava vagarosamente, falando no passado, dizendo-me, sem palavras: Esteja pronta, seja forte!

Certa vez, pensando que a luz estivesse incomodando seus olhos, comecei a baixar a persiana. «Não, não», interrompeu. «Quero todo o céu.» Já não podia se mover (havia tubos demais), mas olhava o céu de um azul brilhante, com tanto amor. «O sol», me dizia, «era tão bom...»

Escureceu. Ele se cansou. Então, murmurou: «Faça algo por mim. Saia um pouco mais cedo. Ande alguns quarteirões, e olha para o céu. Ame a vida por mim!...»

Assim o faço, e assim o farei. Amando tanto a vida, Eric a deu para mim (nova, forte, maravilhosa), mesmo quando estava morrendo. Foi esta a sua grandiosa vitória.